

DOCUMENTOS

Manifesto do partido operário independente inglês

A guerra europeia, com a sua chacina, devastação e miséria, ofende cada vez mais a mais profunda consciência da raça. Só em dinheiro, o custo dela para o nosso país é calculado em uns dois milhões de libras por dia; não se pode avaliar o actual e futuro custo em fortes e honestas vidas. Com todo o seu espantoso sacrificio de vidas e tesouros, a guerra ameaça prolongar-se quase indefinidamente, porque cada país está combatendo pela «Liberdade». «Independência» e outros vocabulos que, empregados nesta emergência, são vagos e sem valor. Em nenhum caso um Governo fixou de modo pratico e concreto os termos em que desejaria negociar a paz.

Em cada um dos países em guerra, os patrioteiros militaristas declaram que não ficarão contentes antes de esmagar e desmembrar os países inimigos. Ainda que semelhante politica, em vez de ser um desafio ás mais fúlpidas lições da história, fosse justa e conveniente, nove meses de guerra sob as modernas condições demonstraram que a possibilidade de alcançar esse resultado é excessivamente remota. Mas enquanto uma nação é dominada por esse receio de desmembramento e deprimente humilhação, continuará a combater até ao derradeiro arranco e até a última gota de sangue.

Assim como a desconfiança mútua, o medo e os malentendidos contribuíram para a guerra, assim podem actuar agora contra todos os esforços em favor duma paz honrosa e duradoira, e este grande crime contra o povo continuará infrene, levando a ruína a todas as nações, o luto e a angústia a inúmeros lares. Se tal suceder, nada garantirá que a paz, quando vier, seja fundada sobre qualquer principio equitativo; se os militaristas e diplomatas (para quem a de traição) manobram a vontade, a guerra arrastar-se-há até acabar talvez numa futilidade macabra que pode ser apenas um intervalo de repouso para uma luta maior e mais sangrenta.

Os diplomatas fizeram a guerra; os povos devem ter voto na paz. O conflito, custoso e terrível como é, não resolverá necessariamente de per si grande coisa. Pode decidir que nação tem canhões mais colossais e granadas mais mortíferas, mas daí não se segue que resolverá numa certa base de equidade as questões de nacionalidade, militarismo, comércio, e outros assuntos que estão, ou se supõe que estão, envolvidos nesta contenda.

Só a previsão e a razão poderão regular estas questões no interesse duma paz duradoira e do desenvolvimento moral e económico da Europa. Por isso as forças operárias e socialistas de todos os países beligerantes devem fazer pressão sobre os seus Governos para declararem, não em generalidades vagas e inexpressivas, mas em termos claros e explicitos o fim pelo qual combatem. Sobre esta declaração seria possível exercer uma acção nacional e internacional, no intuito de alcançar um acordo com a maior porção possível de equidade e a menor perda possível de vidas.

Há obrigações a defrontar, nomeadamente com relação á Bélgica, mas o escopo e propósitos dos Governos, e as condições que os satisfariam devem ficar francamente estabelecidos, pois uma declaração aberta pode ajudar a afastar o erro e o receio e salvar centenas de milhares de vidas que de outro modo seriam inútilmente sacrificadas.

O Governo Britânico tem responsabilidade nesta questão, juntamente com os outros governos.

O CONSELHO NACIONAL DO I. L. P. — (The Labour Leader, de 29 de Abril).

MANIFESTO dos ANARQUISTAS DA ALEMANHA

Contra o militarismo, instituição do poder do Estado, escola do crime e de degradação humana contra a guerra, quer de agressão

quer de defesal — tal foi sempre o lema dos anarquistas. E o hoje mais do que nunca, em presença do horrível morticínio de povos. Nesta guerra, na qual tomam parte com entusiasmo os trabalhadores de todos os países beligerantes por se julgarem atacados, nenhum Estado quer ser o agressor — tanto o alemão como os outros — e no entanto todos com certeza prepararam e propagaram a guerra.

Assim é que os trabalhadores alemães creem ter que defender a sua pátria, essa pátria onde eles são oprimidos e explorados. Os agressores — segundo lhes afirma o governo, segundo lhes garantem os chefes — são os trabalhadores franceses, ingleses e russos, aos quais antes da guerra estavam unidos pelos laços da solidariedade e da fraternidade. Ora, neste momento, os «irmãos» matam-se uns aos outros, e os governos e classes dominantes, no interesse de quem eles se batem, daí tirarão o proveito todo. Nós, anarquistas, que não temos pátria, não podemos portanto bater-nos por ela, nem queremos tão pouco guerrear contra os nossos irmãos do estrangeiro. Queremos pelo contrario unir-nos mais intimamente a eles, afim de derribar e destruir uma vez por todas os governos responsáveis que nos mantêm na servidão e a quem cabe a culpa desta guerra, assim como a das que a precederam.

Os anarquistas alemães não admitem o ponto de vista de certos camaradas do estrangeiro, que consideram o militarismo prussiano como particularmente perigoso e invocam, para o combater pela força, o próprio auxilio dos Estados aliados, pois favorecem assim os interesses dos seus governos e das suas classes dirigentes. Não será com uma vitória no campo de batalha que se há-de deitar por terra o militarismo prussiano e dar a paz a um ou outro povo. Isso são sonhos de ideólogos burgueses que um anarquista de modo nenhum deveria fazer seus. Certamente que execramos também o militarismo prussiano, mas é preferível ao dele. Nenhum governo estrangeiro pode ajudar-nos nisso, nem o quereria aliás, pois isso seria cavar a sua própria sepultura.

Esta atitude valeu aos anarquistas a repressão que actualmente impera na Alemanha, onde é só o poder militar que domina. Foi proibida a publicação dos nossos jornais, apreendidos os seus fundos com a correspondência de muitos camaradas e efectuadas grande número de prisões. Muitos dos nossos continuam presos e não serão postos em liberdade antes do fim da guerra. Se, a despeito de tudo isso aproveitamos todos os ensejos para protestar contra a guerra, isso prova a nossa inabalável convicção de que ela é ainda e sempre o maior crime dos povos uns contra os outros.

Uma grande parte da culpa na guerra actual deve atribuir-se á social-democracia alemã, cuja covarde e traidora atitude não só contribuiu para reforçar o nosso governo, mas serviu também de pretexto aos trabalhadores franceses e ingleses para arvorar um nacionalismo pseudo-libertador antiproletário.

Se no proletariado alemão se tivesse manifestado uma vontade firme de impedir a todo custo a guerra, como aliás se garantiria em todos os comícios pouco antes da sua declaração, inteiramente outra seria hoje a situação. Infelizmente, nem os trabalhadores nem os seus dirigentes tinham a convicção e coragem absolutamente necessárias para levar a cabo tal empresa. No principio da guerra, a nossa agitação era excessivamente difícil e ainda hoje o é. Não obstante isso, lutaremos sempre por um antimilitarismo consciente, pela anarquia e pela emancipação da humanidade.

Os jornais anarquistas suprimidos são os seguintes: Der freie Arbeiter, de Berlim, e Der Kampf, de Hamburgo. A eles devem acrescentar-se as folhas sindicalistas; Die Einigkeit e Der Pionier, de Berlim. O jornal Der Sozialist, de carácter puramente literário, ainda aparece duas vezes por mês.

Em Berlim, Hanóver, Mulhouse, Estrasburgo, Dusseldorf, Carfeld, Colónia, estão presos mais de cinquenta camaradas nossos. Estamos até hoje sem notícias de

maior parte dessas cidades, sendo quaisquer relações impossibilitadas pela rigorosa apreensão da nossa correspondência. Por isso, o número dado das prisões pode estar muito áquem da verdade.

Os anarquistas da Alemanha

Um manifesto de socialistas alemães

Excada já um milhão o número de homens que essa monstro, a guerra, matou na frente oriental e na ocidental; o número de feridos atinge três vezes essa cifra. E em vão que o espirito se esforça por imaginar a extensão da ruína que esses factos encerram. E em vão que ele se esforça por calcular os sofrimentos dos milhares de desgraçados cujos lares foram devastados pelo deus da guerra. Os próprios cidadãos pacíficos nem na terra nem no mar tem sido poupados. Como uma taça preciosa confiada ás mãos dum ébrio, as liberdades do povo foram reduzidas a migalhas pelos seus dedos brutais. Das exalações do sangue e das cinzas sobre, cada vez mais densa, a nuvem de ódio que obscurece a consciência da humanidade em luta pela solidariedade socialista.

Os responsáveis sabem que os mais fartos despojos não chegam para compensar as ruínas materiais da guerra. Só na Prússia Oriental, no comêço de janeiro, eram avaliados em quinhentos milhões os estragos causados pela invasão. Na Bélgica, é por bilhões que se fazem as contas. A guerra custará então á Europa um total de 70 a 80 bilhões. Cada novo dia de guerra aumenta a conta que a paz, isto é, o trabalho produtivo do povo, será chamada a liquidar. A guerra não esgota sómente o presente; esgota também o futuro.

Este desastre não é infligido pelo cego furor dos elementos. E' infligido pelo homem ao homem

Embora no inicio da guerra se tenha podido proferir com perfeita sinceridade o santo e senha de «defesa do país», em breve os imperialistas de ambos os lados mostraram claramente a razão por que lutavam. E hoje está desvendado o verdadeiro fim da guerra: os governos antagonistas querem o esgotamento das nações inimigas.

Temem uma paz armada que não passaria duma pausa, antes dum novo apêlo ás armas. Por consequência, o inimigo deve ser esmagado de tal forma que nunca mais possa tornar a levantar-se. Cada um deles quer atingir as próprias raízes da existência dos seus inimigos. Tal é o grito lançado da Rússia contra a Áustria, tal é o grito que ressoa de ambos os lados dos Vosgos e da Mancha.

Qual será o resultado inevitável se nenhuma resistência opusermos á esse furor desencadeado? Ou a lei tirânica de vencedor, ou — e é o que mais provável parece — a chacina recíproca até á exaustão de cada adversário. Nestas duas eventualidades, atrasar-se há séculos o desenvolvimento económico, democrático e socialista da Europa.

Em tais circunstâncias, as classes dirigentes há-de recorrer á fórmula do desespero disfarçada em fórmula de decisão: «queremos levar a guerra até ao fim». Mas a classe operária trairia o seu futuro assim como o seu passado se, perdendo voluntariamente a razão, seguisse por mais tempo o apêlo dos clarins de guerra.

Isto não pode nem deve ser

Ao movimento socialista foi confiada a missão de organizar as massas para a acção em favor da paz. E' um dever que éle próprio reivindicou muitas vezes. Assim decidia o Congresso de Stuttgart, em 1907, sendo a resolução solenemente confirmada pelo Congresso de Basileia. O nosso próprio grupo parlamentar proclamava esse dever, em 4 de Agosto e 2 de Dezembro, quando declarava: «Pedimos que, apenas tenha sido garantida a segurança nacional e o inimigo esteja disposto a assi-

nar a paz, se ponha termo á guerra com uma paz que nos assegure a amizade dos povos vizinhos».

Diz-se que a propaganda pela paz seria interpretada como um sinal de fraqueza. A isso respondemos: as falsas interpretações são desmentidas pelos próprios factos. E o facto incontestável é a situação militar favorável da Alemanha. As fronteiras estão seguras e a guerra prossegue no solo inimigo. E' por isso mesmo que podemos ser os primeiros a lançar o grito de «Paz!» E temos a certeza de que não ficará sem resposta o nosso apêlo. Acolhemos com jubilo a recordação do dever socialista que se verifica em França. Saudamos os camaradas Monatte e Jouhaux como condutores; em França, da crescente opposição á guerra, lutando pela mesma aspiração que nós. Saudamos o Partido Operário Independente da Grã-Bretanha e os camaradas russos que esperam com ansiedade o despertar dos socialistas alemães.

Mesmo em França, nenhum socialista pensa numa politica de conquista. O membro do gabinete o nosso camarada Sembat, traçou mui recentemente um esboço do programa de paz.

Neste ponto decisivo, está unida a Internacional socialista

E se Sembat e Guesde querem também esmagar o imperialismo e militarismo alemães, o seu escopo está atingido desde o momento que nos decidimos a brandir a bandeira da paz — não duma paz militarista com anexação pela força, não duma paz com conquista imperialista, mas duma paz baseada nos principios unanimemente estabelecidos pelos congressos socialistas internacionais de Copenhague e de Basileia e aceites pelos delegados alemães. Os principios desses principios são:

- 1. Não anexações;
2. A independência politica e económica de cada nação;
3. O desarmamento;
4. A arbitragem obrigatória.

Entre nós, já falaram alguns camaradas. Por trás do grupo socialista na Dieta prussiana, devem agora as massas enfileirar-se e ensurdecer as trombetas guerreiras com os seus clamores em favor da paz.

Em Berlim, o estado de espirito da massa socialista já se manifestou por meio da votação de numerosas resoluções favoráveis á paz.

Reclamamos a publicação das condições mediante os governos estão prontos a fazer a paz. (O camarada Edgard Milhaud e o chefe operário inglês Jowett já formularam a mesma exigência).

Reclamamos a livre discussão na imprensa e nos comícios, da hora e das condições da paz.

Pedimos a cooperação dos camaradas que, no estrangeiro, lutam pelos mesmos principios, afim de ficar garantida uma acção comum.

Camaradas! Mostremos que nos mantemos invencivelmente apegados ao socialismo internacional. De acordo com as resoluções dos congressos internacionais, trabalhemos agora, já que capazes não fomos de impedir a guerra, trabalhemos com todas as nossas forças por uma rápida conclusão da paz. Temperemos a nossa vontade de paz para que ela possa resistir a todas as provas. Podemos o que firmemente queremos!

Através do mundo, ignorando todas as fronteiras, seja d'ora-avante ouvido um clamor unico: Paz!

NOTA:

Este manifesto é dos socialistas anti-guerristas, entre os quais se contam nomeadamente Karl Liebknecht, Ledebour, Ruhle Mehring, Clara Zetkin e Rosa Luxemburgo.

Com o exemplar enviado ao Labour Leader, ia a seguinte carta:

«Fazei o favor de empregar todos os esforços para espalhar este manifesto por todos os países, sobretudo nos países beligerantes, afim que os nossos camaradas desses países saibam quais são a atitude e o estado de espirito dos socialistas alemães. Até aqui os países estrangeiros só conheciam a pretensa opinião do socialismo alemão e a sua atitude ante a guerra pelas declarações duma dúzia de chefes que endoctrinaram a imprensa de chefes que endoctrinaram. Podemos acreditar-nos, caro camarada, quando dizemos que o proletariado alemão nada tem com as declarações publicas de Scheidemann ou de Heine, nem

com o Hamburger Echo e a Chemnitzer Volkszeitung. Pelo discurso de Hase no Reichstag (10 de Fevereiro de 1915), podeis ver que a opposição á guerra cresceu sem cessar na Alemanha e vê aumentar a sua influencia, embora sejamos impedidos pelo brutal regime do estado de sitio de exprimir publicamente a nossa opinião, sendo suprimida pela força a menor tentativa da nossa parte. Entretanto, um futuro próximo poderá reservar surpresas, e a situação para uma acção tornar-se-ia imediatamente favorável, se tivéssemos a certeza de que os nossos camaradas de França, Inglaterra, Bélgica, etc., estão prontos a fazer causa com os nossos contra a guerra. Ajudai-nos, pois, caro camarada, a pôr termo a esta mortifera guerra (antes que outros países se juntem a nós) e a decidir os nossos camaradas de França, assim como os de Inglaterra e Bélgica, a tomarem o caminho do socialismo internacional. Este manifesto é actualmente distribuido na Alemanha e continuará a sê-lo.»

Reproduzindo do n.º de 1.º de Abril do Labour Leader, órgão do I. L. P. inglês, o manifesto acima publicado, L'Union des Métaux inseriu algumas notas, entre ellas a seguinte:

«Em França, causará surpresa ver o nome de Jouhaux abraçado ao de Monatte. Mas o modo como a imprensa inimiga neste momento permite explicar o engano dos nossos camaradas alemães.»

E' realmente forte citar Jouhaux, commissário do governo, autor imperialista de artigos apontando a boa oportunidade de tirar mercados aos alemães, ao lado de Monatte. Mas os autores do manifesto também citam os ministros Sembat e Guesde. Socialistas democráticos e não anarquistas, os autores do manifesto tem além disso a preocupação delicada de evitar as censuras aos camaradas estrangeiros e o empenho honesto de os mostrar ao povo alemão como bons internacionalistas. Feitas as traídores da Internacional na Alemanha, as suas criticas são eficazes e sem equívoco; feitas aos de fora, contribuiriam para a desunião internacional e alimentariam os ódios patrióticos.

Nota da Redacção:

Como documentos, daremos importantes manifestações do pensamento operário socialista e revolucionário contra a guerra, embora seja por vezes apenas pelo espirito que anima essas manifestações e pelas razões nelas expostas. Dispensar-nos hemos de anotar ou comentar as passagens com as quais porventura não estejamos de acordo, se a tal respeito o nosso parecer já tiver sido suficientemente desenvolvido no que temos escrito desde o inicio da guerra.

Damos hoje o excelente manifesto dos anarquistas alemães (cujos termos e doutrina aceitamos integralmente); um manifesto de socialistas alemães. Depois virá o notável manifesto do Primeiro de Maio da Federação Metalúrgica de França.

Para esses documentos, destinados a ficar na história, e para outros que já temos á espera de vos, chamamos a atenção para a verdade e nada a deturpa.

A ORDEM

Com este titulo, fundou-se no Rio de Janeiro um diário da tarde, cujo director pediu colaboração ao nosso camarada Orlando Correia Lopes, seu amigo. O nosso camarada enviou-lhe uma carta, que A Ordem inseriu como artigo de fundo no seu primeiro número e que foi muito apreciada Eis a carta:

Prezado Da Veiga Cabral. — Muito me honras com o convite que me fazes, para colaborar no teu novo jornal, e ainda mais me calivas com a liberdade que me offereces para pregar em meus artigos as doutrinas que professo.

Aproveitando-me dessa liberdade, começo por discordar do titulo que escolheste — A Ordem.

A que ordem te queres referir?

Será á harmonia com que sonhamos nós, os chamados visionários? Será á concórdia á que aspiramos e pela qual trabalhamos, nesse futuro que entrevemos através um presente de iniquidades e torpezas? Será ao livre accordo entre os homens, em uma sociedade em que os interesses individuais se confundam com os interesses da colectividade?

Se é a essa ordem a que te queres referir, ainda bem.

Mas, não é essa a ordem a que aspira o mundo burguês.

Na sociedade em que tu e eu somos obrigados a viver, a ordem tem outra significação. Ordem politico-burguesa quer dizer a submissão de uma maioria imensa de trabalhadores ao arbitrio de uma insignificante minoria de exploradores; ordem é a miséria gerando a riqueza, é o equilibrio social mantido pela violência, é a iniquidade arvorada em justiça, é o roubo legalizado; é a mulher vendendo o corpo para não morrer de fome, o produtor espoliado, pela fraude e a velhacaria, do produto do seu labor; é o tecelão em andrajos a entupir de fazendas os armazens do patrão; é o agricultor, produzindo montanhas de trigo para a exportação, privado de pão; ordem é a vindicta social com o nome de justiça, é a Lei feita por velhacos, interpretada por hipocritas e executada por malfeteiros escudados no apelo d'essa legitima constituição pelo exército, marinha e policia.

Isso é que é a ordem para os politicos; a essa infâmia é que se chama ordem legal.

E como ordem é isso, chamam desordem ao protesto do povo contra tanta ignominia.

Mas, de onde emana tudo quanto a humanidade tem produzido de grandioso, de útil e de belo?

Desordem é o 93 em França, destruindo os restos da servidão feudal; desordem é 1848, instituindo a liberdade de trabalho; é o explodir das qualidades nobres do ser